

PESQUISAS

A SOCIEDADE DOS IRMÃOS MUÇULMANOS ENTRE 1936 E 1949

ISABELLE CHRISTINE SOMMA DE CASTRO *

O projeto de realizar um estudo aprofundado sobre a Sociedade dos Irmãos Muçulmanos (*Jamiat al-Ikhwān al-Muslimin*)¹ surgiu a partir de recorrentes menções na imprensa escrita. Durante pesquisa realizada em jornais paulistanos acerca da representação de árabes e muçulmanos antes e depois de 11 de setembro de 2001 para dissertação de mestrado,² observei que a SIM era constantemente apontada como fonte de inspiração de grupos extremistas de cunho islâmico como a própria Al-Qaeda. A partir desse fato, a curiosidade em relação ao movimento de massas egípcio surgido no final da década de 20 do século passado se tornou inevitável.

O grupo voltou às manchetes da imprensa internacional no início de 2011 graças aos desdobramentos da chamada “Primavera Árabe”. A liderança da SIM não participou nem se envolveu com a organização da manifestação do dia 25 de janeiro de 2011, a primeira de uma série que culminaria com a deposição de Hosni Mubarak, que governou o Egito por três décadas. Na verdade, a adesão aos protestos diários se deu somente três dias depois, no chamado “Dia de Fúria”. Nos dias

seguintes, os irmãos, cuja agremiação era tolerada apesar de clandestina, se responsabilizaram pela limpeza e segurança da ocupada praça Tahrir.³

Como maior grupo organizado de oposição, a SIM foi convidada para dialogar com o então primeiro-ministro Omar Suleiman, que ofereceu concessões ao grupo. As negociações fracassaram e menos de uma semana, no dia 11 de fevereiro, Mubarak renunciou ao cargo que ocupava desde o assassinato de Anwar al-Sadat. Em alguns meses foram convocadas duas eleições parlamentares, sendo uma delas para escolher uma Assembleia Constituinte, e uma para presidente. Não foi com surpresa que os estudiosos da SIM observaram a vitória do partido Justiça e Liberdade (*Hurreyah we Adala*),⁴ fundado por seus membros. Enquanto os movimentos que convocaram a marcha do dia 25 de janeiro, essencialmente formados por jovens, se encontravam desorganizados, a SIM tinha em seu currículo o fato de ter sobrevivido a vários embates com o regime desde o golpe militar de 1952 e de ser uma agremiação relativamente coesa. Era a oposição por excelência: desde meados dos anos 30 do século passado é registra atuação constante no cenário político do Egito, desdobrando-se em sucursais em outros países, como Síria e Jordânia.

Fundado em 1928 pelo professor primário Hasan al-Banna, na época com apenas 22 anos, a SIM se destacou na esfera pública a partir de 1936, quando promoveu campanha de arrecadação de fundos para apoiar a revolta palestina⁵ contra o mandato britânico. Durante a década seguinte, seus seguidores continuaram a pregar valores morais e religiosos, mas também aderiram à bandeira do nacionalismo. Em meados da década de 40, o grupo contabilizava milhares de integrantes, num país com uma população superior a 15.933.000, número registrado pelo Censo de 1937.⁶ Além disso, Al-Banna, que desde a fundação exerceu o cargo de líder máximo e, mais tarde, Guia Supremo, era um

agente importante no cenário político do país até ser assassinato em 1949.

Apesar de o Egito ter obtido a independência nominal do Reino Unido, em 1922, tropas de Sua Majestade ainda permaneceram estacionadas em vários pontos do território, principalmente no Cairo e no Canal de Suez, nas três décadas seguintes. Os ocupantes dominavam as forças policiais, a defesa das fronteiras, entre outros. Além de controlarem os meios para tanto, os representantes britânicos no Egito também tinham total interesse em acompanhar com especial zelo a movimentação de grupos que ameaçavam sua presença no país, em especial a SIM. Um dos resultados dessa cuidadosa observação foi a produção de uma extensa série de despachos, cartas, telegramas privados, memorandos e relatórios, entre outros documentos secretos que versam sobre acontecimentos cotidianos, personalidades e episódios importantes. Os relatos eram escritos por funcionários do Alto Comissariado e, após 1936, por diplomatas da Embaixada Britânica no Cairo e do consulado geral em Alexandria, para serem remetidos à sede do Foreign Office (FO), o equivalente ao Ministério das Relações Exteriores britânico. Atualmente, os documentos liberados para consulta pública do FO se encontram nos National Archives, em Londres, o arquivo público nacional.

Grande parte dessas fontes foram liberadas 30 anos após a sua elaboração, como é o caso das pastas sob o códigos FO 371 e FO 141, além de muitos volumes sob o número FO 407. Já os volumes FO 403, e parte dos FO 407 relativa aos anos que abrangem a Segunda Guerra Mundial, permaneceram sob sigilo durante 50 anos, portanto muitos foram abertos somente em meados da década de 1990.⁷ Esse fato demonstra quão “delicados e importantes” eles são.⁸ Além disso, é necessário mencionar que autores de estudos que conformaram as interpretações sobre Hasan al-Banna e a SIM foram total ou

parcialmente privados do acesso a esses documentos, pois seus trabalhos foram concluídos antes que os arquivos fossem disponibilizados. Após uma análise inicial, a coletânea mostrou conter diversas informações sobre os objetos deste trabalho.

É importante observar, porém, que a análise das fontes documentais implica uma constante atenção para a manutenção de uma postura crítica em relação a tais textos, uma vez que os britânicos ocuparam e influenciaram o desencadeamento dos acontecimentos locais por mais de meio século. Se, por um lado, os funcionários que elaboraram os relatos contidos nesses documentos tinham interesses alinhados aos de Londres, por outro a confidencialidade dos mesmos sugere algum teor de precisão e acuidade. Da mesma forma, os relatos pessoais do próprio al-Banna e de Anwar El-Sadat, futuro presidente que durante as décadas de 30 e 40 teve contatos diretos com o líder da SIM, também merecem a mesma atenção. Sendo assim, creio que uma leitura hermenêutica dos documentos poderá ser útil a fim de explicitar as motivações dos narradores e suas interpretações. Ou, como melhor definiu Michel de Certeau, “descobrir o heterogêneo” e evidenciar “os desvios relativos quanto aos modelos”.⁹

A delimitação do tema deste trabalho obedece a duas acepções. A primeira delas, temática, implica uma abordagem específica da atuação política da SIM, principalmente no que tange aspectos como suas relações com o principal partido nacionalista do Egito, o Wafd, e os ocupantes britânicos.

A segunda se refere à temporalidade. A baliza cronológica inicial é marcada pelo envolvimento da SIM com a questão palestina, a partir de 1936, o que teria tornado o grupo politicamente ativo e atuante, algo que chamou a atenção da Grã-Bretanha, convertendo-se em maior disposição para investigar o grupo. A baliza final é 12 de fevereiro de 1949, data em que o fundador e Guia Geral do grupo, Hasan al-Banna,

foi assassinado pela polícia, seguindo ordens do primeiro-ministro, com o provável conhecimento do rei Faruq.¹⁰

Após apresentar estas premissas, destaco algumas hipóteses iniciais. A primeira delas é a de que a SIM representou um movimento de massas caracterizado por forte apelo islâmico, que encontrou no período de sua emergência condições históricas propícias para sua expansão. Além disso, o grupo se associou às causas populares, como a autodeterminação e valores tradicionais da sociedade egípcia, representados por uma elaboração particular do discurso religioso.

Como segunda hipótese, postulo que houve um desdobramento das ideias para o campo da ação concreta, na medida em que a SIM representou e supriu, em grande medida, as demandas reprimidas de grande parte da população, não apenas daqueles pertencentes aos estratos mais baixos da sociedade egípcia. O programa de criação de creches, escolas e clínicas médicas que ofereciam serviços gratuitos parece um indicativo do atendimento de parte delas.

O principal objetivo deste trabalho é, portanto, identificar na documentação coletada possíveis matrizes de uma radicalização político-religiosa que possa ter inspirado movimentos radicais posteriores, sendo de cunho nacionalista ou não. O discurso em relação a estrangeiros e minorias, além do apelo a métodos violentos podem demonstrar indícios dessa característica. Há também outro ponto em que pretendo contribuir: a SIM já é considerada o primeiro movimento de massas moderno do mundo islâmico.¹¹ Pretendo avançar nessa interpretação ao tentar demonstrar que o grupo revelou uma motivação de cunho mais pragmático do que a bibliografia tradicional costuma apresentar.

Um dos períodos mais emblemáticos da atuação política da SIM foi entre os anos de 1942 e 1944, quando o partido nacionalista Wafd ascendeu ao poder após o rei egípcio, Faruq, ser ameaçado de deposição pelo embaixador britânico, Miles Lampson. O monarca possuía a

premissa constitucional de aprovar ou dissolver gabinetes, e com frequência o fazia em favor de partidos minoritários mesmo que não formassem coalizões. O recorte também abrange a Segunda Guerra mundial, por isso a insistência britânica em empossar o Wafd. O objetivo era garantir um governo pró-Aliados no Egito após recuos militares resultantes de vitórias do Eixo em batalhas travadas no fronte do Deserto Oriental, fronteira com a Líbia.

Ao assumir, Mustafa Nahas Pasha, líder do Wafd, convocou novas eleições parlamentares, boicotadas por alguns partidos. O primeiro-ministro interino, apesar de ter grande apoio popular, foi buscar a colaboração ou mesmo o silêncio dos opositores, utilizando expedientes como adulação ou ameaças. Seu principal obstáculo era a SIM, que contava com crescente apoio popular¹² e era um grande mobilizador político, atuando principalmente através da distribuição de jornais próprios ou da organização de grandes manifestações. Nahas assegurou ao embaixador Lampson que trataria pessoalmente da sociedade islâmica. “Nahas agora acredita que pode anistiar a Irmandade Muçulmana em seu benefício e em nosso. Eu expressei extremo ceticismo,”¹³ escreveu Lampson em relato ao Foreign Office.¹⁴ Apesar disso, a promessa de Nahas foi cumprida.

Hasan al-Banna se candidatou a um cargo na Câmara Baixa. Pretendia concorrer em Ismailia, cidade em que a SIM foi fundada e local em que era bastante conhecido pelas obras assistenciais do grupo – entre elas a primeira mesquita e escola construídas pelo grupo. Ao ser informado da inscrição da candidatura, o novo primeiro-ministro chamou o *shaykh* al-Banna para um encontro. Na conversa, Nahas usou linguagem “intimidadora”,¹⁵ o que pode-se traduzir em uma ameaça direta de um novo encarceramento do líder da SIM. “Nahas Pasha dissuadiu os líderes da Irmandade Muçulmana de se candidatarem para a Câmara, e aparentemente deseja controlá-los e não interná-los”.¹⁶

al-Banna também foi coagido a publicar uma carta aberta no jornal secular *al-Abram*. A missiva veiculada continha o apoio expresso aos termos do Tratado de Aliança Anglo-Egípcia de 1936 e, em termos gerais, ao governo do partido Wafd. O tratado havia sido criticado pelas mais altas lideranças da SIM,¹⁷ e durante os anos de 1938 e 1939, o grupo defendeu abertamente sua revisão. Em troca do abandono de sua candidatura e da declaração de respaldo, al-Banna obteve um compromisso de que a perseguição ao grupo cessaria além da edição de restrições contra a venda e o consumo de bebidas alcoólicas e a prática da prostituição.¹⁸

O Wafd foi o grande vencedor do pleito, elegendo 223 deputados, o que manteve a maioria do partido no Parlamento e concedeu alguma legitimidade ao gabinete de Nahas. O novo governo realizou batidas policiais e fechou estabelecimentos, ajudando al-Banna a justificar sua desistência, e a dos demais integrantes do grupo, de participar das eleições diante de seus seguidores – a ameaça de prisão não seria suficiente e, muito menos, um eventual suborno, que será discutido mais adiante.

A aquiescência do Guia Geral e do movimento não era apenas uma clara contradição à declarada hostilidade contra o tratado,¹⁹ mas também contra Londres e o Wafd. O embaixador Lampson, que estava acompanhando o desenrolar das negociações entre a SIM e o Wafd de perto,²⁰ acreditava que o silêncio do movimento era apenas uma tentativa de al-Banna de ganhar tempo para evitar ser incomodado com prisões, fechamento de sucursais, proibições de reuniões e empastelamento de seus jornais.

Eles (a SIM) estão atualmente jogando um jogo dúbio, se passando por amigáveis com o governo wafadista e conosco, apesar da suspeita de que sua atitude seja ditada pelo desejo de evitar interferência enquanto reforçam sua posição.²¹

De fato, a SIM não entrou em choque nem com o governo wafadista nem com os britânicos até a demissão do gabinete de Nahas, em 8 de outubro de 1944. Durante esse interím, não houve nenhuma grande agitação nacionalista no país. Com mais espaço para agir, a SIM lançou, em agosto de 1942, sua primeira revista, *al-Ikhwān al-Muslimūn* (Os Irmãos Muçulmanos). Neste primeiro número, chama a atenção o anúncio da criação de uma Seção de Assuntos Sociais, o que demonstra que o grupo estava dando maior ênfase para a reforma social pregada nos discursos do Guia Geral.

Contudo, segundo Beinín e Lockman, os artigos publicados na revista sobre este tema até janeiro de 1944, quando a publicação foi interrompida temporariamente, “eram discussões gerais e abstratas sobre a perspectiva islâmica em relação às questões sociais.” Na verdade os textos não mencionavam questões específicas, como assuntos trabalhistas ou sindicais. Mas esse fato mudaria após a reativação da revista, em dezembro de 1944, quando eles adotariam uma linguagem mais popular e um tom mais politizado.²² Este talvez seja mais um indício de que o silenciamento público promovido pelo Wafd estava surtindo efeito, fossem pelas ameaças explícitas ou pelo pagamento de subornos: a data de relançamento da revista coincide com o fim do governo wafadista.

Em janeiro de 1943, ocorreu uma visita de membros do partido governista à sede da SIM.²³ Mas as relações entre o partido e o movimento ainda estariam longe de se estabilizar. Em fevereiro, o Ministério do Interior decretou o fechamento de sucursais e nenhuma reação do grupo foi registrada.²⁴ No decorrer do ano, a dinâmica entre ambos os lados registraria muitas idas e vindas, sem grandes rompimentos, mas com permanente desconfiança mútua.

No início de 1943, o governo Wafd decretou a proibição das reuniões da Ikhwan exceto na sede deles no Cairo, onde tiveram permissão de se reunir somente com autorização prévia do Diretor-Geral da Segurança Pública. Essa proibição foi logo retirada e o governo Wafd, ao removê-la, mostrou uma inclinação pública de manter termos amigáveis, enquanto continua com uma vigilância cuidadosa sobre as atividades da associação.²⁵

Apesar da tensão, parte da oposição, incluindo-se grupos como a SIM, não exploraria os escândalos com os quais a cúpula do governo wafadista se envolveria nos anos seguintes.²⁶ O primeiro deles foi a contenda pública entre Nahas e o ministro das Finanças e Secretário-Geral do Wafd, Makram Ubayd' Pasha, em relação ao grande aumento de salários oferecido ao novo gabinete. Depois houve uma nova discussão entre os dois principais nomes do partido em relação aos privilégios desfrutados pela família da esposa de Nahas. Makram foi isolado e expulso do gabinete e do partido em julho de 1942. Através de uma obra conhecida como “Livro Negro”, publicada no início do ano seguinte, o ex-ministro revelou informações bastante comprometedoras sobre o primeiro-ministro e sua família, além de acusações de corrupção contra o governo, provocando grande desilusão entre os egípcios com o partido mais popular do país.²⁷

É de se estranhar a ausência de alguma pressão ou mesmo discordância pública da SIM em relação ao caso Makram Ubayd. Pertencente à comunidade copta, Makram era um interlocutor frequente de Hasan al-Banna, principalmente após seu rompimento com o partido Wafd e a criação de seu partido, o Bloco Wafadista. De qualquer forma, a briga entre Makram e Nahas na realidade reaproximou a SIM do Wafd, que passaria a usar a retórica islâmica a seu favor. Ou seja, o até então secular Nahas passou a atacar a comunidade copta e se aproximar da agenda islâmica da SIM, segundo relatório da situação política do Egito enviado em junho de 1943 para o Foreign Office, o Wafd.²⁸

Também há uma perspectiva de alistar o apoio da sociedade muçulmana reacionária e xenofóbica da Irmandade Muçulmana, cujas atividades causaram tanta preocupação no passado para nossas autoridades de segurança. Ele (*o governo Wafd*) está agora patrocinando e subsidiando esta sociedade, que alega estar preparada para cooperar tanto com o Wafd como com os britânicos. A questão anti-Copta levantada pelo “Livro Negro” parece ter facilitado as negociações com essa sociedade fanática. Qualquer cooperação real e prolongada entre o Wafd e tal organização anti-estrangeira poderia fatalmente desenvolver linhas perigosas, tanto religiosas como xenofobas, mas está longe da certeza de que essa sociedade tenha alguma intenção de ter uma associação leal com o Wafd. É possível que o desejo da Irmandade Muçulmana seja lucrar com o apoio do governo e nossa tolerância para prospectar mais segurança a fim de desenvolver uma futura ação contra nós dois (*Wafd e britânicos*).²⁹

O Wafd sentiria o peso das denúncias de Makram, mas também do descontentamento popular em relação à inflação e à escassez de alimentos, consequências diretas da guerra. Além disso, o partido não oferecia canais para ascensão de cidadãos da classe média em sua hierarquia, enquanto a SIM dispunha de um sistema de associação em que era possível a qualquer associado ascender aos principais cargos. Portanto, a SIM se tornou um refúgio natural para grande parte dos descontentes, principalmente entre universitários, camponeses e funcionários públicos, tradicional base social dos wafadistas.³⁰ “A incompetência do governo, e uma série de escândalos, frustraram o já descontente público, enquanto a Irmandade Muçulmana ganhou prestígio e popularidade”, afirmou El-Sadat em sua primeira autobiografia.³¹

Ao mesmo tempo, o ano de 1943 foi de provável consolidação da ala paramilitar do grupo, conhecida internamente como *al-Nizam al-Khass* (Seção Especial) e externamente como *al-Jihaz al-Sirri* (Aparato Secreto). Assim como as alas semelhantes de partidos como o próprio Wafd, a seção foi fundada na década de 30. Mas, ao contrário das demais, não foi desmobilizada. Naquele ano, a crescente hostilidade com o governo, mas principalmente com a ordem das coisas no país, fez com que o braço armado voltasse a se estruturar.

Outro fator que colaborou com o fortalecimento da seção paramilitar foi a facilidade em obter armamentos no mercado negro. Muitos fuzis e munição abandonados nas batalhas travadas no fronte do Deserto Ocidental estavam sendo vendidas assim como outras obtidas através de furtos realizados em depósitos britânicos. A promulgação de um edito militar que exigia a devolução de armas alienadas no Egito teve, segundo relatório britânico, resultado “insignificante”.³² Provavelmente por este motivo, no final de 1943 uma nova tentativa de apreensão foi promovida sob inspiração britânica, com o objetivo principal de desarmar o Aparato Secreto da SIM. O porte e a circulação de armas em território egípcio foram proibidos e os *shaykhs* e *omdas* do interior do país foram um dos principais alvos.³³

Hasan al-Banna já se consolidava como um líder influente de um grupo conhecido e bastante popular, apesar de ainda se manter empregado como professor primário³⁴ em uma escola em Giza, nos arredores do Cairo. Em 1944, a SIM já contabilizava mais de mil sucursais por todo país, além de associados na casa dos milhares. Era uma força que o governo Wafd não podia ignorar, nem os britânicos. O embaixador do Reino Unido, que agora tinha o título de Lorde Killearn, descreve com bastante clareza o poder que o grupo gozava no cenário político egípcio.

O crescimento da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos como um meio popular de benevolência religiosa tinha uma importante influência nos pontos cardeais da política wafadista. A extensão dos associados desta organização tornou impossível ignorar sua influência na vida política e social egípcia, e o Wafd foi forçado a colocar de lado as tendências laicas que eles perseguiram veladamente e apoiar esta organização. Através de uma mistura de suborno e ameaças, Nahas Pasha assegurou para o Wafd a adesão pública dessa associação e a renúncia de qualquer intento anti-britânico. A sinceridade da Irmandade Muçulmana foi mais do que duvidosa e se suspeitou que seu principal objetivo era evitar medidas repressivas e organizar-se sob a cobertura deste acordo para futuras ações contra nós, e talvez também contra o Wafd.³⁵

Talvez pela necessidade de manter a SIM sob controle, mas principalmente para contar com o apoio em um momento de enfraquecimento do Wafd devido às denúncias de Makram Ubayd' e aos problemas econômicos enfrentados pela população e que não haviam sido sanados pelo governo, Nahas manteve a SIM na folha de pagamento e passou a fazer o mesmo com outro partido, o *Misr al-Fatat* (Jovem Egito). “A questão que se põe é o que devemos fazer com o Jovem Egito agora que o Wafd está recebendo dinheiro assim como o *Ikhwan el-Muslimin*.”³⁶

Parece-me, portanto, que nos últimos anos da guerra al-Banna se engajou no fortalecimento interno do grupo, evitando confrontos diretos com o governo e com os britânicos – mantendo apenas a tensão que os identificaria como um grupo nacionalista. Além disso, a SIM voltou seu discurso para questões como justiça social. Envolveu-se mais abertamente em política sindical e na defesa de reformas no campo. Em relatório realizado pelo Departamento de Pesquisa da embaixada no Cairo, essa tendência foi apontada.

Há uma crescente demanda revolucionária para a destruição dos privilégios sociais e políticos dos grandes latifundiários, a drástica reorganização das propriedades de terras e a redistribuição da receita nacional. Estas demandas estão implícitas no programa, não ainda politicamente formulado, da “Irmandade Muçulmana” (*Ikhwân Muslimîn*), que tem o mais extenso número de seguidores, estimado por alguns em milhões, entre as sociedades religiosas proletárias[...].³⁷

Por outro lado, ao mesmo tempo em que se envolvia em questões sociais, o Guia Geral aceitou a pressão e provavelmente o apoio financeiro de um de seus opositores, o Wafd. São bastante contundentes os relatos sobre a utilização de suborno pelo partido para controlar o grupo.³⁸

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os egípcios viram seus anseios de independência total e irrestrita se frustrarem mais uma vez.

No âmbito político, por um lado, havia a desilusão com o governo do popular Wafd. Por outro, o impopular rei e recorrentes governos sem legitimidade, formados por integrantes de partidos minoritários sem o respaldo da maioria parlamentar, não traziam esperança. Ao mesmo tempo, a situação econômica interna se agravou ainda mais com o fim da conflagração mundial. A desmobilização aliada no país ocasionou o fechamento de 250 mil postos de trabalho relacionados aos esforços de guerra. O custo de vida, refletido em altos índices de inflação, aumentaria mais de duas vezes até 1952.³⁹

Esse panorama incentivou o recrudescimento da violência, com assassinatos de figuras públicas e de dois primeiros-ministros até 1948. Em grande medida, a SIM foi uma fonte promotora dessa agitação social.⁴⁰ O aumento do descontentamento popular colaborou para engrossar as fileiras do movimento. Mas outro fator também foi decisivo para a chegada de novos membros: os irmãos muçulmanos aceitavam a ascensão de membros de todas as classes sociais – diferentemente do Wafd,⁴¹ cuja cúpula era inteiramente dominada por membros da elite egípcia. Estima-se que no final da década de 40, a SIM havia amealhado cerca de um milhão de membros, entre ativos e simpatizantes, espalhados em quase duas mil sucursais por todo o país.⁴²

Notas

* Doutoranda da USP, bolsista CNPq e PDSE/Capes. E-mail: isasomma@hotmail.com.

¹ Doravante, utilizarei a abreviação SIM ao me referir ao grupo.

² CASTRO, Isabelle C. S. de. *O Orientalismo na Imprensa Brasileira. A representação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo antes e depois de 11 de setembro de 2001*. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8154/tde-01092011-102913/pt-br.php>.

³ FILIU, Jean-Pierre. *The Arab Revolution: Ten Lessons from the Democratic Uprisings*. London. C. Hust and Co., 2011, pp. 98-9.

⁴ O presidente eleito pelo partido, Muhammad Morsi, foi destituído do cargo em junho de 2013 e atualmente se encontra encarcerado.

⁵ GERSHONI, Israel. The Muslim Brothers and the Arab Revolt in Palestine, 1936-1939. In: *Middle Eastern Studies*. Vol. 22, n.º 3 (Jul. 1986), pp. 367-397.

⁶ ISSAWI, Charles. *Egypt at Mid-Century. An Economic Survey*. London. Oxford University Press, 1954, pp. 55.

⁷ Disponível em: <http://discovery.nationalarchives.gov.uk/SearchUI/Details?uri=C7685>. e <http://discovery.nationalarchives.gov.uk/SearchUI/Details?uri=C7721>, acessados em 7 de fevereiro de 2013.

⁸ PRESTON, Paul; PARTRIDGE, Michael. General Introduction. In: WOODWARD, Peter (editor); PRESTON, Paul; PARTRIDGE, Michael. (general editors) *British Documents on Foreign Affairs: Reports and Papers from the Foreign Office Confidential Print*. Part III, from 1940 through 1945. Series G. Africa. Vol. 1. Bethesda: University Publications of America, 1998, pp. VII-X, pp. VII.

⁹ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1982.

¹⁰ MITCHELL, Richard P. *The Society of the Muslim Brothers*. Oxford. Oxford University Press, 1993 [1969], p. 71.

¹¹ LIA, Brynjar. *The Society of the Muslim Brothers in Egypt. The Rise of an Islamic Mass Movement 1928-1942*. Reading. Ithaca Press, 2006 [1998], p. 1.

¹² LITTLE, Tom. *Modern Egypt* London. Ernst Denn Ltd, 1967, p. 89.

¹³ As traduções dos documentos para o português foram realizadas pela autora.

¹⁴ FO 341/31569, J 1190/38/16: Lampson para Foreign Office, Cairo, 12 de março de 1942.

¹⁵ HEYWORTH-DUNNE, James. *Religious and Political Trends in Modern Egypt*. Washington (monografia publicada pelo autor), 1950, p. 40.

¹⁶ FO 341/31569, J 1343/38/16: Lampson para Foreign Office, Cairo, 22 de março de 1942.

¹⁷ KRÄMER, Gudrun. *Hasan al-Banna*. Oxford. Oneworld, 2009, p. 64.

¹⁸ HEYWORTH-DUNNE, *op. cit.*, 1950, p. 40.

¹⁹ LIA, *op. cit.*, 2006, p. 272.

²⁰ Há menções sobre a SIM em pelo menos cinco documentos diferentes escritos em março de 1942 pela embaixada na pasta FO 341/31569 – quatro deles relatam as intenções de Nahas em relação ao grupo. A quinta menção refere-se a um resumo de fatos ocorridos no ano anterior.

²¹ FO 403/467, J 546/2/16: relatório “Leading personalities in Egypt” de Lampson para Eden, Cairo, 5 de janeiro de 1943.

²² BEININ, J.; LOCKMAN, Z. *Workers on the Nile: Nationalism, Communism, Islam and the Egyptian Working Class, 1882-1952*. Cairo. The American University in Cairo Press, 1998, p. 366.

²³ MITCHELL, *op. cit.*, 1993, p. 27.

²⁴ FO 403/467, J 651/2/16. Relatório “Situação no Egito” de Lorde Killearn para Anthony Eden. Cairo, 8 de fevereiro de 1943.

-
- ²⁵ FO 403/468, J 2488/2/16: relatório Leading personalities in Egypt enviado por Lord Killearn para Eden. Cairo, 24 de junho de 1944.
- ²⁶ FO 403/468, J 828/31/16: relatório Political Situation in Egypt de Lorde Killearn para Anthony Eden. Cairo, 25 de fevereiro de 1944.
- ²⁷ VATIKIOTIS, P.J. *The History of Egypt*. From Muhammad Ali to Mubarak. Londres. Weidenfeld and Nicolson, 1985, pp. 351-3.
- ²⁸ FO 403/467, J 2855/2/16. Relatório Situação Política no Egito de Lorde Killearn para Anthony Eden. Cairo, 16 de junho de 1943.
- ²⁹ *Ibidem*.
- ³⁰ LIA, *op. cit.*, 2006, p. 37-8.
- ³¹ EL-SADAT, Anwar. *Revolt on the Nile*. London. Allan Wingate Ltd., 1957, p. 41.
- ³² FO 403/468, J 828/31/16: telegrama de Lord Killearn para Eden. Cairo, 25 de fevereiro de 1944.
- ³³ FO 403/467, J 5231/563/16: relatório Situação no Egito de Lorde Killearn para Anthony Eden. Cairo, 10 de dezembro de 1943
- ³⁴ FO 403/467, J 546/2/16: relatório anual Leading Personalities in Egypt – 19. *Sheikh Hassan-el-Banna* de Sir Miles Lampson para Anthony Eden. Cairo, 5 de janeiro de 1943.
- ³⁵ FO 403/468, J 79/31/16: telegrama de Lorde Killearn para Eden. Cairo, 22 de dezembro de 1943.
- ³⁶ FO 141/951, 231/9/44: de sir Walter Smart para Foreign Office, 22 de abril de 1944.
- ³⁷ FO 403/468, J 1407/2/16: relatório do Research Department, “The Political Forces in Egypt”, 7 de setembro de 1944.
- ³⁸ Ver FO 403/468, J 79/31/16: telegrama de Lord Killearn para Eden, Cairo, 22 de dezembro de 1943; e FO 141/951, 231/9/44: comunicado de Sir Walter Smart para Foreign Office, 22 de abril de 1944.
- ³⁹ BEININ, Joel. Egypt: Society and Economy 1924-1952. In: Daly, M. W. *The Cambridge History of Egypt*. Modern Egypt, from 1517 to the end of the twentieth century. Vol. 2. Cambridge. Cambridge University Press, 1998, p. 321.
- ⁴⁰ MITCHELL, *op. cit.*, 1993, p. 25.
- ⁴¹ LIA, *op. cit.*, 2006, p. 189.
- ⁴² KEPEL, Gilles. *The Revenge of God: The Resurgence of Islam, Christianity and Judaism in the Modern World*. Cambridge. Polity Press, 1994, p.10.

Data de envio: 02/03/2013

Data de aceite: 19/03/2013